



# O IMPACTO DA CRISE NA BANCA DE INVESTIMENTO: A PERSPECTIVA DE UM JURISTA

Um dos perigos que foi apontado como potencial causa — ou causa potenciadora — da crise, a dimensão das instituições financeiras e o seu impacto no modo de resolução dos seus problemas financeiros, fenómeno vulgarmente designado por *too big too fail*, não só se mantém, como, em certos casos, agravou-se.



**HUGO ROSA FERREIRA**

Sócio líder da equipa de Financeiro e Bancário da PLMJ

Pouco antes da uma da manhã (seis da manhã em Portugal Continental) do dia 15 de Setembro de 2008, o Lehman Brothers, então um dos maiores bancos de investimento do mundo, anunciou que estava em estado de insolvência, com um passivo de cerca de USD 770 mil milhões e activos avaliados em USD 639 mil milhões.

O caso do Lehman Brothers, pela sua notoriedade, é visto como um ponto de viragem na banca de investimento. Quais foram então as principais mudanças vividas na banca de investimento após, e em resultado, da crise de 2008?

“Estas alterações estruturais tiveram um impacto significativo na oferta de soluções e na disponibilidade de financiamento às empresas, em particular na economia portuguesa, em resultado da necessidade de cumprimento dos novos rácios de capitais próprios e do custo de acesso ao *funding* por parte dos bancos”

No plano meramente institucional, destaca-se, para além do desaparecimento do Lehman Brothers, a fusão do Bear Stearns no J.P Morgan Chase, a compra, a saldo, da Merrill Lynch pelo Bank of America e a transformação da Goldman Sachs e da Morgan Stanley em holdings financeiras tradicionais, sujeitas a uma regulação muito mais apertada do que aquela a que, até então e como bancos de investimento, estavam sujeitos.

No plano material, o impacto foi, à semelhança do que tinha acontecido após a crise de 1929, extremamente reactivo, com uma inflexão muito vincada quer no modo de fazer negócios, quer nas regras aplicáveis à actividade bancária.

Em primeiro lugar, testemunhámos um regresso a um modo mais tradicional de exercício da actividade bancária, com um enfoque muito grande no cliente e nas suas necessidades, bem como na oferta de soluções de financiamento e de apoio às transacções comerciais simples e testadas no tempo.

Em segundo lugar, vemos que os bancos de investimento actuam hoje ao abrigo de um quadro regulamentar mais forte e mais sofisticado, que requer um balanço com mais capital e mais activos líquidos e uma gestão mais rigorosa do risco.

Em terceiro lugar, temos hoje uma banca de investimento muito menos dispersa, em resultado de planos de reestruturação que privilegiam áreas de negócio e jurisdições vistas como fazendo parte do *core business* do banco.

Por sua vez, estas alterações estruturais tiveram um impacto significativo na oferta de soluções e na

“Um estudo recente da Faculdade de Economia Nacional da Universidade de Economia em Bratislava dá conta de que os principais bancos de investimento estão hoje maiores do que antes da crise. É certo que também estão mais fortes. Resta saber se essa força é representativa de uma maior solidez ou de uma renovada capacidade para cometer excessos”

disponibilidade de financiamento às empresas, em particular na economia portuguesa, em resultado da necessidade de cumprimento dos novos rácios de capitais próprios e do custo de acesso ao *funding* por parte dos bancos.

Foi neste contexto que testemunhámos um decréscimo significativo no número e no volume de operações de financiamento estruturado, ao mesmo tempo que vimos as empresas, sobretudo aquelas com maior dimensão, a recorrer a instrumentos tradicionais, como a emissão de obrigações, para fazer face às suas necessidades de financiamento.

De um modo geral, todas estas mudanças resultaram numa indústria mais robusta, mais sólida e mais saudável, logo, menos permeável a abalos como aquele que foi sentido em 2008, pelo menos em teoria. Contudo, um dos perigos que então foi apontado como potencial causa — ou causa potenciadora — da crise, a dimensão das instituições financeiras e o seu impacto no modo de resolução dos seus problemas financeiros, fenómeno vulgarmente designado por *too big too fail*, não só se mantém, como, em certos casos, agravou-se.

Um estudo recente da Faculdade de Economia Nacional da Universidade de Economia em Bratislava dá conta de que os principais bancos de investimento estão hoje maiores do que antes da crise. É certo que também estão mais fortes. Resta saber se essa força é representativa de uma maior solidez ou de uma renovada capacidade para cometer excessos.